

Dramas mínimos

Peças inéditas de Tennessee Williams, com apenas um ato, revelam o lado mais sutil do dramaturgo que incendiou a Broadway e o teatro americano

MARIO MENDES

Nos anos 50, quando o dramaturgo Tennessee Williams (1911-1983) era um sucesso arrasador na Broadway, mas também um escândalo de igual proporção, perguntaram à atriz Maureen Stapleton, uma das favoritas do autor, por que ela aceitava participar de peças que tratavam de assuntos como homossexualidade, incesto e canibalismo. Sem recorrer aos discursos “cabeça” tão comuns no meio teatral, Maureen foi direto ao ponto: “Bem, para citar Tennessee, ‘eles são apenas gente’”. O episódio é lembrado na introdução de *Mister Paradise — E Outras Peças em Um Ato* (tradução de Grupo Tapa e Luiza Jatobá; É Realizações; 344 páginas; 59 reais) e resume de maneira exemplar os conflitos, o lirismo e o desespero existencial que pontuam os treze textos escritos entre o fim dos anos 30 e 1962. Um dos mais prolíficos escritores americanos do século XX — sua obra inclui contos, romances, ensaios, poesia e roteiros cinematográficos —, Williams lapidou esse tipo de narrativa breve praticando-o como exercício de escrita ou ensaio para obras de maior fôlego. Um de seus maiores êxitos de crítica, *Camino Real* (1953), era originalmente uma peça em um ato; e *Esta Mulher É Proibida* teve de ser esticada pelo roteirista Francis Ford Coppola para se transformar no filme de Sydney Pollack, em 1966.

A maior curiosidade dos textos reunidos em *Mister Paradise* é que eles permaneceram inéditos até quase vinte anos depois da morte de Williams, sen-

do publicados pela primeira vez em 2001 e encenados somente a partir de 2003. Vistos hoje, no ano do centenário de nascimento do escritor, esses textos parecem miniaturas — ou melhor, trailers, já que ele foi o dramaturgo americano mais adaptado para o cinema — de um tipo de dramaturgia que se tornou a marca registrada de Williams. São personagens em permanente conflito consigo mesmos e com o ambiente em que vivem, tentando sobreviver agarrados a fragmentos de sonhos, mesmo aqueles que já se revelaram apenas amargas decepções. É assim com o travesti de *E Contar Tristes Histórias das Mortes das Bonecas*, que também se recusa a encarar a realidade enquanto vive “da bondade de estranhos”, como a frágil Blanche DuBois do clássico *Um Bonde Chamado Desejo*. Já em *Verão no Lago* há uma mãe tão insuportavelmente controladora e falastrona como a sra. Venable de *De Repente, no Último Verão*. Quase sempre, a ação se passa no sul dos Estados Unidos, sobretudo em Nova Orleans.

Mas, ao contrário das 24 grandes peças de Williams, em que o ponto alto são as longas cenas de tensão e densidade dramática, aqui o tom é sutil, tão delicado quanto os bibelôs do zoológico de vidro da personagem de *À Margem da Vida*, o espetáculo que fez dele uma sensação do teatro americano em 1945. Com o mínimo de recursos além dos diálogos cortantes — brevíssimas indicações de iluminação, cenografia, gestos ou inflexões de voz —, Williams consegue extrair o máximo de emoção da prosaica jornada de trabalho de um jovem lanterninha de cinema poeira, da



O ARTISTA EM AÇÃO Williams fotografado nos anos 40, quando escreveu seu trabalho mais conhecido, *Um Bonde Chamado Desejo*: personagens carentes aprisionados pelas circunstâncias



fanfarronice do pugilista decadente tentando aconselhar um novato ou da maneira fria e cínica com que um escritor esquecido — o *Mister Paradise* do título — recebe uma fã entusiasmada.

Tennessee Williams gostava de dizer que suas maiores inspirações eram os pesadelos que tinha com frequência e o fato de ter crescido em uma família desajustada: um pai beberrão, uma mãe fútil, uma irmã mais velha esquizofrênica — que ele adorava — e um irmão mais novo com quem brigou até morrer. Ou seja, tudo em sua obra que não fosse autobiográfico era ainda assim extremamente pessoal: Williams dizia que não escrevia em busca de sucesso ou satisfação pessoal, mas em razão de “necessidade biológica”.

As peças de *Mister Paradise* fazem parte do período mais fértil e bem-sucedido de Williams, quando suas obras eram esperadas religiosamente a cada nova temporada da Broadway. Ninguém parecia se cansar daquela prosa ao mesmo tempo lírica e violenta, que revelara talentos como Marlon Brando e Jessica Tandy. Essa fase brilhante durou até o fim da década de 50, quando o escritor, hipocondríaco assumido e louco por remédios, começou a exagerar na mistura de álcool e barbitúricos. Seu último grande sucesso de crítica e público foi *A Noite do Iguana*, em 1961. E o golpe final veio em 1963, com a morte de seu companheiro de muitos anos, Frank Merlo, que o mantinha mais ou menos sóbrio e com as finanças em ordem. Daí em diante, os fracassos se sucederam, e a quantidade de álcool e drogas aumentou. Williams morreu sozinho no quarto de hotel onde morava, em Nova York, exatamente como um de seus personagens. Aqueles que, segundo ele, “precisam de compreensão, ternura e segurança, porque são seres aprisionados pelas circunstâncias”.

W. EUGENE SMITH/GETTY IMAGES